

## 18 – PARECER TÉCNICO

O objetivo da elaboração deste dossiê consiste em agregar informações que justifiquem o tombamento do Conjunto Ferroviário de Miguel Burnier. A preservação do bem cultural em questão tem como premissa a manutenção da memória urbano social, em sua dimensão material e simbólica, além do cumprimento de uma demanda social, uma vez que deve ser entendida como mais um elemento dentro da dinâmica da cidade. A preservação tem o intuito de promover a qualidade de vida dos cidadãos e o patrimônio cultural local. Tão importante quanto preservar a natureza é também manter a feição dos lugares, ruas e outros ambientes que conformam a localidade em que vivemos e são incorporados e apreciados no nosso cotidiano.

A visão da preservação abrangendo conjuntos e centros urbanos e não apenas o objeto arquitetônico isolado começou a ser considerada em todo o mundo a partir das grandes reformas urbanas no século XIX. A origem dos conceitos atuais de "patrimônio urbano" liga-se ao arquiteto e urbanista italiano Gustavo Giovannoni, que em 1931, na obra *Vecchie Città ed Edilizia Nuova*, reconhece o valor estético e histórico das partes antigas das cidades, e a relação de complementaridade que estas têm com as partes novas. Atualmente o espaço urbano é considerado como referencial simbólico. Em termos arquitetônicos, considera-se que todas as intervenções estilísticas e sobreposições de períodos históricos têm interesse para a preservação, sempre que reforçarem uma ambiência que contribuam para a coesão e manutenção dos valores identificados em um conjunto urbano.

A importância do Conjunto Ferroviário de Miguel como um todo reside em seu valor histórico e cultural para a comunidade local e também regional, uma vez que se refere a uma característica marcante da história do quadrilátero ferrífero, devendo ser preservado enquanto patrimônio. A área ocupada pelo conjunto correspondente à formação do núcleo original da vila, o que lhe confere grande importância dentro da conformação urbana arquitetônica. Confere legitimidade ao lugar e à memória coletiva da comunidade, pois guarda em seus espaços as lembranças que poderão se perpetuar através da preservação. Além disso, ainda hoje a estação ferroviária representa o modo de vida local, simboliza a origem daquela comunidade que se aglomerou ao seu redor e desde então passou a viver em função das atividades que ali aconteciam. Através da história do bem é possível contar a história da vila de Miguel Burnier. Descrever o cotidiano do conjunto ao longo do tempo é contar um pouco sobre a evolução do modo de viver das pessoas daquela comunidade, é entender como se desenvolveu a economia local e como se firmaram as bases sociais e culturais que ainda hoje pode ser encontrada naquele lugar. Mesmo desativada, a estação continuou por muito tempo a abrigar manifestações culturais de diversas origens, e com isso conseguia-se mesclar passado e presente mantendo vivas as tradições e costumes que só lá existiam.

**DOSSIÊ DE TOMBAMENTO • Conjunto Ferroviário de Miguel Burnier / Ouro Preto - MG**

O Conjunto Ferroviário de Miguel Burnier é ainda testemunho de um importante momento da história do país – o surgimento e crescimento do sistema de transporte nacional feito através de trilhos. Em épocas que o transporte no Brasil era feito por tropas de burros, a Estação Ferroviária do então povoado de São Julião foi inaugurada em 1887. Mais tarde, ela herdou o nome do engenheiro chefe da Estrada de Ferro Dom Pedro II – posterior Central do Brasil . Em 1889 a ferrovia chegou até Ouro Preto, e a nova capital mineira, Belo Horizonte, começava a ser construída. A transferência da capital mineira teve que desembarcar e embarcar no povoado, além de toda a mão de obra e materiais necessários para a construção de Belo Horizonte, vindos de diversas partes do Brasil e do mundo.

O atual conjunto ferroviário é fruto de uma série de construções e ampliações graduais. Em fotos antigas podemos perceber uma outra estação, mais singela que a atual: sobre o patamar de pedra erguia-se uma edificação de madeira e barro, com pináculo e esqueleto de madeira aparente. À frente desta estrutura desaparecida, havia um anexo de madeiral. Provavelmente, foi na década de 1920, que a atual estação de Miguel Burnier foi construída, sob a estrutura da anterior. Além das estruturas analisadas neste dossiê e que compõem o perímetro de tombamento, outros bens formam o conjunto ferroviário de Burnier e demonstram a relevância de seu conjunto. São imóveis para residência dos antigos funcionários da Estrada de Ferro, um marco de antiga caixa d'água demolida, uma balança mecânica, plataformas secundárias e dois túneis.

A identidade de comunidades locais é construída através da superposição de várias construções simbólicas carregadas de significado, que obedecem lógicas próprias e diversas na sua construção e manutenção ao longo do tempo. Respeitar o processo natural de construção da identidade é pressuposto fundamental para garantir referências existenciais do ser humano. Preservar as referências culturais de um povo garante o respeito à memória, à sua história e à sua identidade.

O caso observado no distrito ouro-pretano de Miguel Burnier é característico das comunidades que se formaram em função das estradas de ferro. Com o processo de sucateamento da malha ferroviária brasileira, as regiões servidas pelos trilhos tiveram de adaptar suas economias ao novo cenário que se configurava. Na região central de Minas Gerais, muitas das áreas por onde passavam as ferrovias hoje são exploradas por mineradoras, colocando em risco um patrimônio que, mesmo ainda não se encontrando devidamente protegido, já é foco de políticas públicas de preservação cultural.

O lugar que outrora servia como ponto central de sociabilidade da comunidade do antigo povoado e posteriormente vila de São Julião hoje se encontra abandonado. Das várias linhas de manobra existentes no pátio da estação só restam fotografias guardadas pelos

**DOSSIÊ DE TOMBAMENTO** • Conjunto Ferroviário de Miguel Burnier / Ouro Preto - MG

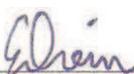
aproximadamente quatrocentos moradores do entorno do conjunto ferroviário, que em décadas passadas chegaram ao número de três mil. A grande maioria dos trilhos foi roubado, segundo depoimentos colhidos. As casas localizadas na parte superior do terreno foram em sua grande maioria demolidas pela Gerdau S. A., empresa que explora o minério no distrito. As que ainda existem são foco de grande preocupação por parte de seus moradores, que ocuparam as construções abandonadas, uma vez que a empresa supracitada alega pretensões de construir uma esteira de carregamento de minério no local, bastante próximo ao núcleo de tombamento. As construções que compõem o conjunto ferroviário se encontram abandonadas, tendo de ser fechadas com tapumes para impedir a depredação de suas dependências. A balança mecânica, exemplar raro no estado, já se encontra completamente desmontada pela ação de vândalos, restando apenas suas engrenagens e parte do cômodo de operações. A ruína completa do conjunto representaria um duro golpe na memória de toda a comunidade de Miguel Burnier, que não se resume aos moradores da vila, espalhando-se por várias cidades nas proximidades de Ouro Preto, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete e Congonhas do Campo.

Poucos moradores de Miguel Burnier são empregados pela empresa hoje multinacional, contribuindo para que a população local imigre com o passar do tempo, mudando-se para cidades próximas tais como Congonhas do Campo e Conselheiro Lafaiete. Tal processo coloca em risco um dos principais focos de concentração da preservação cultural, que ultrapassa o processo de restauro arquitetônico: o uso do bem cultural, que não pode ser alienado da comunidade. Não se questiona aqui as atividades da empresa no terreno que a ela pertence, mas há de se observar que determinadas demandas de responsabilidade social devem ser atendidas, livrando a população do esquecimento que a mesma alega estar relegada atualmente.

Sabendo da importância que o anteparo físico tem para as manifestações culturais de um povo e para a construção de sua identidade, o tombamento busca, além da preservação do espaço físico, a manutenção dos valores cultivados no lugar. Esta ação reconhece o valor do bem e tem como objetivo preservar a configuração atual do conjunto e proteger toda área que o envolve evitando que no futuro possíveis intervenções, inclusive no entorno, possam alterar as visadas da paisagem urbana ainda preservadas.

### ***Responsável Técnico:***

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2010.

  
EDUARDO FELIPE ANDRADE ALVIM  
ARQUITETO E URBANISTA / CREA 84.362/D